

ARTIGOS

DOS ENTRAVES À BUSCA POR NOVOS CAMINHOS NO PLANEJAMENTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA COMO UMA AÇÃO PARTICIPATIVA

Leonardo Cordeiro de QUEIROZ

Universidade Estadual de Maringá- UEM

Maringá, Paraná – Brasil

leonnardoq@gmail.com

ORCID<https://orcid.org/0000-0003-1608-3499>

Bruna SOLERA

Universidade Estadual de Maringá- UEM

Maringá, Paraná – Brasil

brunasoleraef@gmail.com

ORCID <https://orcid.org/0000-0001-5125-456X>

Vânia de Fátima Matias de SOUZA

Universidade Estadual de Maringá- UEM

Maringá, Paraná – Brasil

vfmtias@gmail.com

ORCID <https://orcid.org/0000-0003-4631-1245>

Resumo: A discussão apresentada teve como objetivo investigar a percepção dos professores preceptores e coordenador do Programa Residência Pedagógica (RP), acerca da construção e aplicação do planejamento da Educação Física Escolar no Ensino Fundamental e Médio e as suas influências. Contou com a participação de três preceptores e um coordenador de núcleo do Programa RP – Educação Física. Utilizou-se a entrevista semiestruturada como instrumento de coleta, cujos dados foram analisados por meio dos pressupostos da análise de conteúdo. Os resultados apontaram para benefícios aos atores participantes, principalmente no processo formativo dos futuros professores e formação continuada dos professores preceptores. Concluiu-se que o RP, juntamente a uma ação estruturada de planejamento participativo se configurou como importante estratégia no processo formativo de professores, contribuindo com a efetivação da parceria entre universidade e escola.

Palavras-chave: Residência Pedagógica; Planejamento; Educação Física Escolar; Formação docente.

FROM OBSTACLES TO THE SEARCH FOR NEW PATHS OF PLANNING PHYSICAL EDUCATION: PEDAGOGICAL RESIDENCE AND A PARTICIPATORY ACTION

Abstract: The discussion presented was aimed at investigating the perception of the teacher teachers and coordinator of the Pedagogical Residency Program (RP), about the construction and application of Physical Education planning in Elementary and High School and its influences. It counted with the participation of three preceptors and a nucleus coordinator of the RP Program - Physical Education. The semi-structured interview was used as a collection instrument, whose data were analyzed using the assumptions of content analysis. The results pointed to benefits for the participating actors, mainly in the training process of future teachers and continued training of teacher tutors. It was concluded that the RP, together with a structured action of participatory planning, was configured as an important strategy in the teacher training process, contributing to the effectiveness of the partnership between university and school.

Keywords: Pedagogical Residence; Planning; School Physical Education; Teacher Training.

DE LAS BARRERAS A LA BÚSQUEDA DE NUEVAS FORMAS DE PLANIFICACIÓN DE LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR: LA RESIDENCIA PEDAGÓGICA COMO ACCIÓN PARTICIPATIVA

Resumen: La discusión presentada tuvo como objetivo investigar la percepción de la docentes y coordinadora del Programa de Residencia Pedagógica (RP), sobre la construcción y aplicación de la planificación de la Educación Física en Bachillerato y sus influencias. Contó con la participación de tres preceptores y un núcleo coordinador del RP - Educación Física. Como instrumento de recolección se utilizó la entrevista semiestructurada, cuyos datos se analizaron utilizando los supuestos del análisis de contenido. Los resultados apuntaron beneficios para los actores participantes, principalmente en el proceso de formación de los futuros docentes y formación continua de los profesores tutores. Se concluyó que el RP, junto con una acción estructurada de planificación participativa, se configuró como una estrategia importante en el proceso de formación docente, contribuyendo a la efectividad de la alianza entre universidad y escuela.

Palabras-clave: Residencia Pedagógica. Planificación. educación física escolar. formación de profesores.

Introdução

É inegável que o planejamento se faz presente em todos os âmbitos das relações cotidianas estabelecidas pelo ser humano, auxiliando na organicidade, objetividade e concreticidade das atividades humanas. Para Menegolla e Sant'Anna (2001) o planejar é uma realidade que acompanhou a trajetória histórica da humanidade, o homem sempre sonhou, pensou e imaginou algo para sua vida.

Da mesma maneira, o planejamento tem se efetivado como um instrumento pedagógico essencial no cotidiano escolar, uma vez que sua ação possibilita nortear e auxiliar as ações pedagógicas, por meio de um direcionamento efetivo das ações, metas e constructos sociais e emocionais, para além dos intelectivos, promovendo um apoio ao trabalho docente com vistas a formação integral dos estudantes, cuja busca centra-se na formação com foco na autonomia e criticidade dos envolvidos.

Aprofundando no conceito de planejamento, Libâneo (1994, p. 222) enfatiza que:

“A ação de planejar, portanto, não se reduz ao simples preenchimento de formulários para controle administrativo, é, antes, a atividade consciente da previsão das ações político – pedagógicas, e tendo como referência permanente às situações didáticas concretas (isto é, a problemática social, econômica, política e cultural) que envolve a escola, os professores, os alunos, os pais, a comunidade, que integram o processo de ensino.” (LIBÂNEO, 1994, p. 222).

Marcon, Nascimento e Graça (2011) apontam que o planejamento é um elemento importante na procura pela qualidade do processo de ensino e aprendizagem. O ato de planejar pode conferir benefícios para o trabalho docente e gerar uma previsão das etapas do seu trabalho. Corroborando com essa análise pode-se trazer a cena afirmativa de Libâneo (2013), ao afirmar que o planejamento é um meio para se programar as ações docentes, mas é também um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligado à avaliação.

Os pressupostos e matrizes teóricas comungam acerca da relevância da ação e efetivação do planejar, uma vez que sua organização é um ponto de partida para a ação didática. No entanto, há que se destacar que sua aplicabilidade no campo da Educação Física escolar ainda encontra-se permeada por inquietudes e controversas, cuja prática por vezes acaba recaindo na causalidade e inércia, que segundo estudos realizados por Moura e Antunes (2014), essa usual falta de planejamento na Educação Física acabou criando o mito do professor criativo, marcado por improvisos, que não necessita de planejamento.

Neste cenário de busca por romper com estas fragilidades pedagógicas, e com intenções de conferir melhorias um repensar acerca da formação inicial e continuada de professores, surge o Programa Residência Pedagógica (RP) instituído como política de incentivo à formação docente, com o objetivo principal de levar o futuro professor a conviver no ambiente escolar por um tempo maior (BRASIL, 2018).

O Programa RP contempla com bolsas estudantes dos cursos de licenciatura, professores da Rede Básica de Ensino, que assumirão a função de preceptores e professores das Instituições de Ensino Superior, que serão os coordenadores do programa.

A dinâmica pode variar de acordo com o projeto institucional e dos subprojetos de cada curso envolvido, no entanto, basicamente o estudante no processo de formação inicial deve cumprir uma carga horária semanal na escola, acompanhado pelo professor preceptor, e uma carga horária na universidade.

Seguindo as normativas e especificidades do referido programa, o subprojeto Programa Residência Pedagógica - Educação Física da Universidade Estadual de Maringá (UEM) tem se configurado como uma ação pedagógica significativa na busca da efetivação da relação universidade e escola, por meio da estruturação curricular para o campo da Educação Física escolar, na qual possibilitará a aproximação do acadêmico do seu futuro campo de atuação e, com o frescor dos conhecimentos assimilados na Universidade, contribuirá com a construção e aplicação do planejamento para as escolas da Educação Básica.

A partir do contextualizado, o estudo objetiva apresentar as percepções dos professores preceptores e coordenador do Programa Residência Pedagógica, acerca da construção e aplicação do planejamento da Educação Física escolar no Ensino Fundamental e Médio de uma escola em Maringá-PR. O texto apresentará incursões acerca de experiências vivenciadas pelos residentes e professores preceptores durante a execução do programa e as possíveis influências do processo no planejamento pedagógico e no processo de formação inicial e continuada dos agentes participantes.

Metodologia

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, do tipo descritiva, formato que, de acordo com Vieira (2002) objetiva conhecer e interpretar a realidade sem nela interferir ou modificar. A pesquisa qualitativa do tipo descritiva intensifica a tarefa de formulação do problema na tentativa de constituir possíveis elucidações, permitindo a observação, o registro e a análise dos fenômenos sem a oscilação de dados (CERVO; BERVIAN, 2002).

Participaram da pesquisa 3 professores preceptores de Educação Física e o coordenador do Programa RP do curso de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá (Quadro 1). Tais professores de Educação Física, atuam em um Colégio Estadual da cidade de Maringá-PR, onde os estudantes do curso de Educação Física da UEM são residentes.

Quadro 1: Perfil do Grupo de professores entrevistados.

Participantes	Tempo de formação	Pós-Graduação lato sensu	PDE ¹	Pós-Graduação stricto sensu	Outras formações
Prec. 1	23 anos	2	Sim	-	-
Prec. 2	35 anos	3	Sim	-	-
Prec. 3	11 anos	2	Não	-	-
Coord.	19 anos	1	Não	Mestrado / Doutorado	Pedagogia

¹ Programa de Desenvolvimento Educacional

Em relação ao instrumento para coleta dos dados, foi utilizado a entrevista semiestruturada, que segundo Minayo (1984) articula as formas abertas e estruturadas, possibilitando uma liberdade de fala ao entrevistado, onde o entrevistador assume o papel de animador de uma "conversa". O entrevistador foi o próprio pesquisador e todas as entrevistas foram gravadas, com um tempo médio de duração de 36 minutos e transcritas para posterior análise.

Para o processo de tratamento dos dados utilizou-se os pressupostos da análise de conteúdo (MINAYO, 2013), com a categorização por frequência, intensidade e significado, presentes nas falas transcritas. Assim posto,

a partir dos depoimentos dos entrevistados, e evidenciando os principais pontos relatados, os dados foram categorizados e fragmentados em categorias principais, e subdivididos em subcategorias, como exemplifica o Quadro 2.

Quadro 2: Categorização dos resultados.

Categorias	Subcategorias
Processo de construção do planejamento;	Encontros de preparação; Base teórica para fundamentação do planejamento; Conteúdos Contemplados; Estrutura do planejamento.
Execução do planejamento	Participantes envolvidos; Planos de aula; Funcionamento/Desenvolvimento das aulas.
Caminhos possíveis	Coletividade; Pluralidade de ideias; Relação preceptor-residente-aluno; Novo olhar para a Educação Física na escola.
Agruras	Desencontros; Sequência/verticalização dos conteúdos; Falta de experiência com novos conteúdos; Falta de materiais.
Contribuições para os agentes envolvidos	Participação no processo de elaboração e estruturação do planejamento; Organização dos estudantes; Aproximação com o futuro campo de atuação Autonomia; Identidade profissional.

Fonte: os autores, com base na categorização das entrevistas.

Por fim, salientamos que foram explicados todos os cuidados éticos referentes a pesquisa aos professores participantes, que inclusive, leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual de Maringá, com o Parecer n. 1.715.040.

Processo de construção do planejamento

Refletir acerca do processo de planejamento da Educação Física a partir da percepção dos preceptores, permitiu evidenciar uma ação pedagógica na qual as entrevistas resultaram na exposição decincosubcategorias. As subcategorias do processo de construção do planejamento são: a) encontros de preparação; b) base teórica para fundamentação do planejamento; c) conteúdos contemplados; d) estrutura do planejamento.

De acordo com os relatos de Prec1; Prec2 e Prec3 o processo de construção e estruturação do planejamento se deu de forma conjunta, por meio de reuniões de estudo e oficinas, ocorridos no segundo semestre do ano de 2018. Estas reuniões aconteciam semanalmente na universidade e contavam com a presença de todos os agentes responsáveis por essa organização: residentes, professores preceptores e coordenador do programa. As oficinas foram possibilitadas pela coordenação do programa, e tiveram os seguintes temas: dança, rítmica e expressão corporal; ginástica circense; esportes coletivos de invasão; autonomia escolar. As oficinas ocorreram na universidade, nos horários determinados de reunião semanal.

Anteriormente a efetiva construção do planejamento, os residentes vivenciaram um período de observação da escola e comunidade escolar, momento em que acompanhavam os preceptores em suas turmas apenas como observador. Esse momento foi importante para que, num primeiro contato com os alunos da escola, os residentes coletassem sugestões e opiniões acerca do atual currículo da Educação Física, de modo a pensar formas de agregar e adaptar essas sugestões no momento de estruturação. Ou seja, os alunos da escola, por meio de sugestões, tiveram participação na construção do planejamento.

De início, a equipe de residentes foi dividida em pequenos grupos e cada grupo era responsável pela elaboração de um planejamento para determinado conteúdo, como relata a Prec. 1: “foram divididos grupos pra construção desses planejamentos e foram divididos quais conteúdos estruturantes iria ficar pra cada grupo, pra elaborar”, ou seja, cada um desses grupos elaborou o planejamento de determinado conteúdo, para cada série do Ensino Fundamental e Médio.

Nesse planejamento, os alunos deveriam estruturar conteúdos de acordo com o núcleo determinado; deveria conter planos de unidade – uma maneira de visualização do conteúdo e sua distribuição no trimestre - e principalmente quantas aulas eles iriam requerer para aquele conteúdo, como relata Coord: “se dividiram em grupos, pensaram e estruturaram cada conteúdo, contendo temas, subtemas e a divisão das aulas durante os trimestres”.

Neste momento de estruturação do planejamento, foi solicitado para que os residentes considerassem: a faixa etária dos alunos, a realidade socioeconômica dos mesmos, o espaço físico da escola, os materiais disponíveis e a interdisciplinaridade, apontando para propostas em que fossem possíveis traçar paralelos e criar conexões entre as disciplinas do currículo escolar, de maneira a buscar uma formação ampla e integral dos alunos.

Após este processo, o planejamento foi finalizado, encaixando-se todos os conteúdos e assim, formando uma verticalização, onde todos os agentes responsáveis foram protagonistas e participantes ativos de cada momento da construção. Sobre o motivo por este método participativo ter sido o escolhido, a Coord. relatou:

“Quando a gente pensa no método de planejamento participativo, a gente pensa num método que seja algo que minimamente atenda a escola, aos professores, e que faça, no caso dos residentes uma apropriação daquilo que é realmente o chão da escola. Quando a gente vê que os estudos

tem indicado que a melhor forma de se pensar um planejamento curricular é quando a gente realmente coloca todos os envolvidos pensando sobre aquele objeto, sobre aquela ação, vemos que é a forma correta.” Coord.

Essa afirmação, consolida os estudos de Vianna (1986) e aponta que no planejamento participativo, o grupo toma consciência das suas necessidades, seus problemas, da importância do diálogo, negociação e trocas, que se aperfeiçoam e promovem uma mudança social, no sentido de aprender a conviver.

Em relação a base teórica utilizada e os conteúdos estruturantes, os entrevistados mencionaram que foi utilizado a obra de Palma, Oliveira, Palma (2010): Educação Física e a organização curricular: educação infantil, ensino fundamental, ensino médio, de onde vieram os núcleos e conteúdos estruturantes para reforçar e dar suporte no processo. Observamos que, de forma unânime todos os professores descreveram os mesmos núcleos estruturantes e temas, os quais estão presentes no Quadro 3.

NÚCLEOS	TEMAS
Corporeidade	Habilidades motoras
Movimento e os jogos	Jogos e brincadeiras
Movimento e o esporte	Esportes coletivos e individuais
Movimento expressão e ritmo	Ginástica e dança
Movimento e a saúde	Aptidão física, saúde e qualidade de vida

Por fim, a última subcategoria alocada por meio das entrevistas, a estrutura do planejamento relatada pelos entrevistados foi a seguinte: os conteúdos de cada série foram fragmentados em trimestres, e dentro destes, alocados em quantidades de aulas necessárias, ficando então o planejamento completo do Ensino Fundamental e Médio para as aulas de Educação Física.

Processo de execução do planejamento

Essa categoria, também foi dividida em subcategorias, que foram: a) participantes envolvidos; b) planos de aula; c) funcionamento/desenvolvimento das aulas, todas exploradas e analisadas a partir das entrevistas e relatos dos professores participantes.

Primeiramente, é necessário apresentar os participantes que estão envolvidos e suas funções no processo, e todos eles foram expostos durante as entrevistas, como explica a Prec. 2: “agora os residentes estão mesmo vivendo a residência, aplicando as aulas, sendo o professor principal e nós estamos apenas dando o suporte necessário”, ou seja, são os estudantes residentes que estão sendo os responsáveis pela aplicação do planejamento.

A execução deste planejamento vem trazendo ótimos resultados, e consoante a isso, a Coord. relata um dos motivos: “num processo em que eles tiveram autonomia para o planejar, há um comprometimento com a execução”, ou seja, eles precisam estar comprometidos, precisam aprender a lidar com os problemas para que o resultado final seja, realmente o objetivado no início.

Para que esses objetivos traçados sejam realmente concretizados, os estudantes utilizam-se de um importante artefato, os planos de aula. O plano de aula apresenta subsídios para aplicação de uma metodologia

que integra o processo de ensino, envolvendo o aluno de forma planejada e participativa (TAKAHASHI; FERNANDES, 2004).

É uma obrigatoriedade que todos os residentes utilizem os planos de aula, conforme relata a Prec. 3: “[...] os residentes precisam utilizar o plano de aula todos os dias, mesmo que a aula seja adaptada por algum motivo ou não, ele precisa ter preparado a aula pra aquele dia”. Na esteira dessa afirmação, compreendemos que os planos de aula são de fundamental importância para o bom funcionamento do programa e para o excelente andamento da aplicação do planejamento.

Os planos de aula proporcionam ao professor obter maior confiança e domínio da situação a ser desenvolvida, pois o seu saber fazer estará embasado na teoria e na prática (TAKAHASHI; FERNANDES, 2004). Ou seja, é algo imprescindível para o bom andamento e fluidez da aula, contribuindo com a postura mais confiante do docente.

Foi claramente perceptível nos discursos dos entrevistados o cuidado para com as ações dos planos de aula e sua importância, como podemos compreender na afirmação da Prec. 2:

“O plano de aula, ele é tudo pra nós, porque assim, se você tem um plano de aula naquele dia, você já sabe como que você vai encaminhar sua aula, então faz parte, você ter o plano de aula é 70% de que no final teremos sucesso, se não fica perdido o conteúdo também, e o objetivo também” Prec. 2

É grande a notoriedade concedida aos planos de aula, haja visto que foi unânime entre os entrevistados afirmar que é um item indispensável na aplicação do planejamento, e isso fica claro na fala da Prec. 1:

“Sem o planejamento, sem plano de aula como você vai fazer? Cada dia você vai dar uma coisa? Você vai chegar aqui e pensar hoje eu quero dar tal coisa, hoje eu vou deixar meu aluno solto aí na vida, não dá né, então o planejamento e os planos de aula são essenciais” – grifos nossos. Prec. 1

Apesar da importância, é necessário entender que o plano de aula não pode ser algo engessado, precisa ser algo flexível, que aceita mudanças e, principalmente adaptações. O professor deve-se utilizar dos planos de aula como base, mas não pode ficar apoiado apenas nisso, as aulas de Educação Física são dinâmicas e requerem um “jogo de cintura” do regente, para fazer com que no final, o objetivo seja cumprido.

Sobre o funcionamento e desenvolvimento das aulas, também foi unânime entre os entrevistados que a presença dos estudantes residentes se faz muito importante em todos os sentidos, como: ajuda no controle dos alunos, facilidade em explicar conteúdos, maior aproximação com alunos, aulas mais dinâmicas, pois é possível dividir a turma em grupos e, assim, os alunos podem aproveitar e experimentar maiores vivências, entre outros.

A esse respeito, o Prec. 2 destaca:

“nós podemos proporcionar para os alunos aulas mais criativas, aulas mais dinâmicas, podendo dar mais atenção para cada aluno, até individualmente, pois com a presença do residente fica mais fácil podermos acompanhar mais de perto as dificuldades de cada aluno, principalmente nesse momento em que os residentes estão ministrando as aulas” Prec. 2

Embasando a afirmação do entrevistado, é importante ressaltarmos que durante as aulas se faz presente o professor preceptor e dois ou três estudantes residentes, sendo possível realizar as ações mencionadas com maior facilidade.

Esta situação, da presença dos residentes gerar uma aproximação - necessária - dos professores com os alunos, apontada como benefícios pelos preceptores pode, de certa forma, revelar algumas adversidades da profissionalidade docente, bem como a dificuldade dos professores com turmas e salas de aula lotada, o que acarreta dificuldades na realização de um trabalho que possa ser de qualidade. É notório a importância dos professores terem a relação de proximidade com os alunos, de modo a demonstrar que este é um problema que precisa ser sanado. As turmas precisam ser menores, ou é necessário mais que um professor em cada sala.

Os caminhos possíveis

Com a coleta dos dados foi possível alocar quatro subcategorias que dizem respeito aos benefícios que o processo de construção e execução do planejamento trouxeram, são elas: a) coletividade; b) pluralidade de ideias; c) relação preceptor-residente-aluno; d) novo olhar para a Educação Física na escola.

O processo coletivo na construção e aplicação do planejamento confere diversos benefícios em todos os âmbitos. Na tarefa do trabalho coletivo as pessoas se tornam agentes responsáveis pelo bem comum que ajudam a construir, ou seja, quanto mais responsáveis temos na tarefa de construir, mais teremos no momento de aplicar e zelar para que esta saia conforme o objetivado (RODRIGUES; GALVÃO, 2005). Além de que um trabalho construído coletivamente se torna menos árduo.

Durante o processo coletivo de estruturação do planejamento, é perceptível a riqueza do momento e os benefícios garantidos aos futuros professores, entendendo a formação docente como um processo complexo, que necessita ser alicerçada em ensino, pesquisa e extensão e que encaminhe para a construção da profissionalidade docente e da autonomia, a fim de atuar criticamente nos seus espaços profissionais (FONTOURA, 2019).

A coletividade do trabalho de construção, nos leva a pluralidade de ideias, o que confere contribuições para um melhor resultado. É essa pluralidade que se refere a Prec. 2 em sua fala: "nós pudemos planejar aulas bem mais criativas e mais estimulantes com os nossos alunos, principalmente com mais ideias, mais cabeças pensando e ajudando". É importante ressaltar que as ideias iniciais vieram dos residentes, e quando postas, tiveram palpites dos preceptores e da coordenadora do programa.

Durante a execução do planejamento, foi unânime o destaque dado pelos preceptores nas entrevistas para a relação preceptor-residente-aluno. Monteiro et al. (2020) afirmam que uma boa relação entre estudantes e professores preceptores conferem segurança para ambas as partes, principalmente aos residentes, pois sentem que terão o suporte necessário para amparar suas dúvidas e angústias.

Os relatos dos entrevistados vêm no sentido de mostrar que com os residentes em sala de aula, o professor consegue explorar mais sua relação com os alunos, estando mais próximo e auxiliando aqueles que, por ventura, apresentam maior dificuldade.

A parceria entre residente e professor conferiu benefícios aos alunos, que por sua vez são assistidos com mais atenção e cuidado, e com isso obtiveram melhores resultados nas avaliações, como relata a Prec. 3:

"Você observa que nas avaliações, a grande maioria [...] conseguiu tirar nota, porque conseguia ter a matéria no caderno, porque eu consegui visar (os cadernos), consegui cobrar, enquanto os residentes estavam dando os conteúdos [ministrando as aulas], eu conseguia ver em quem estava a dificuldade" Prec. 3

Importante ressaltar que quando Prec. 3 se refere a “vistar os cadernos”, se refere a conferir as atividades realizadas pelos alunos em seus cadernos. Essa prática se tornou efetiva, pois nessa proximidade com os alunos, foi possível os preceptores sanarem dúvidas, auxiliarem de maneira adequada, enquanto os residentes ministravam os conteúdos.

Esse melhor desempenho dos alunos e maior interesse para com as aulas, nos leva a última subcategoria, o novo olhar da escola para com a Educação Física. A comunidade escolar pode perceber efetivamente que a Educação Física tem um conteúdo sistematizado e que isso vai beneficiar o aluno de diversas formas, enquanto anteriormente ao programa, a disciplina era vista como desorganizada, até mesmo pelos alunos.

É interessante perceber na fala dos entrevistados o orgulho com que explicitam esse novo perfil da Educação Física perante a escola e toda a equipe pedagógica, como relata a Prec. 3:

“Os outros alunos que não são das turmas com residentes, eles percebem que as aulas são diferenciadas e eles querem participar da nossa aula, querem mudar, então vem perguntar, vem conversar, então eu acho que trouxe maior interesse na educação física, e não só os alunos, como pedagogo, professores de outras áreas e até professores de educação física que não tem residentes, que se viram obrigados a melhorar suas aulas e buscar inovações tanto nos seus conteúdos quanto na estruturação das aulas” Prec. 3

Anteriormente a atuação dos residentes de Educação Física na escola investigada, a Educação Física era percebida como uma disciplina que tinha planejamento sistematizado, mas que este não era executado e aplicado pelos professores. O novo perfil da Educação Física na escola conferiu uma proximidade do planejamento com a realidade dos alunos, da escola e da comunidade escolar como um todo, o que facilitou sua aplicação.

Podemos perceber que o processo de aplicação efetiva do planejamento garantiu diversos benefícios para a área escolar da Educação Física, e que o trabalho coletivo rendeu diversos frutos e, principalmente melhorou a qualidade do ensino e o rendimento dos alunos na escola, que a partir das novas aulas e relações com os professores, se dedicam e focam conteúdos que antes passavam despercebidos.

Agruras

Todo processo tem seus benefícios, mas sempre haverá motivos e situações em que são possíveis melhorias. Não foi diferente com o processo de construção e execução do planejamento, no qual, a partir das entrevistas, podemos destacar 4 subcategorias em que foram apresentadas dificuldades: a) desencontros; b) sequência/ verticalização dos conteúdos; c) falta de experiência com novos conteúdos; d) falta de materiais.

Na subcategoria desencontros, podemos destacar que todos os entrevistados relataram a dificuldade em encontrarem-se presencialmente na fase de construção do planejamento, devido a diversos fatores. Os mais relatados foram a falta de tempo, diversas atividades acadêmicas para serem cumpridas e deveres profissionais.

A respeito da sequência e verticalização dos conteúdos, a grande dificuldade foi o processo de encaixar os conteúdos de uma forma que eles fossem aumentando seu grau de complexibilidade conforme as séries, pois é possível enxergar com clareza que um planejamento precisa ser pensado de forma com que o aluno aumente seu grau de aprendizado de acordo com o seu amadurecimento, tanto físico, quanto cognitivo.

Esse problema foi amplamente debatido à fim de que os grupos e os planejamentos construídos conversassem entre si, de modo que o encaixe de conteúdos, temas e subtemas fossem apresentados de forma consonante com a realidade dos alunos e da escola.

Em relação a falta de experiência com novos conteúdos, pode-se perceber durante as entrevistas que os estudantes residentes chegaram na escola com novas ideias, com pensamentos criativos em relação a conteúdos e aulas, e muitas vezes, o professor preceptor não tem experiência em trabalhar aquele determinado assunto, pois nunca trabalhou, ou, na maioria das vezes, trabalhou muito pouco.

Essa situação aponta, de certa forma benefícios para os alunos, pois tem contato com vivências e experiências diferentes das habituais nas aulas de Educação Física, mas nesse caso, foi apontada como dificuldade pelos professores, pois estes se queixam de estarem de mãos atadas numa possível demonstração de um passo de dança, ou um golpe de alguma luta, desconhecimento sobre algum esporte pouco usual, ou até mesmo conhecimentos sobre determinados jogos e/ou brincadeiras. Mas, ao mesmo tempo que essa situação é tida como uma fragilidade, também pode levar os professores a buscar conhecimentos e se atualizar.

Neste sentido, pode-se constatar um problema que já traz consigo uma solução, pois este induz ao professor que busque algum refúgio, e nesse sentido, os residentes colaboram, pois se fazem presentes dentro da universidade, berço de descobertas e inovações, podendo ser o agente transmissor dessa elucidação, mas também é uma situação que tira o professor da zona de conforto e o leva a refletir sua prática, a pesquisar, estando em uma contínua formação.

Alarcão (2004) destaca que o professor deve refletir sobre sua ação docente e seus saberes, objetivando ressignificar permanentemente o processo ensino-aprendizagem, tornando-o mais significativo para ele e para seus alunos. Cruz e Lüdke (2005) corroboram com esta afirmação e argumentam que articular o ensino e a pesquisa no trabalho do professor da educação básica é algo que há muito tempo vem merecendo atenção dos profissionais que se dedicam a este estudo.

Por fim, chegamos a um problema comum em várias realidades escolares pelo nosso país, a falta de materiais e estrutura para as práticas esportivas nas aulas de Educação Física. A percepção dos professores acerca deste problema foi unânime, e é possível perceber o sentimento de revolta presente na fala dos entrevistados, que explicitam que muitas vezes é necessário abandonar a prática de certa modalidade/esporte/jogo/brincadeira por falta de materiais (quadras, bolas, cones, aparelhos específicos).

A questão do espaço físico e das instalações são fatores que podem comprometer de modo significativo o trabalho pedagógico da Educação Física (DAMAZIO; SILVA, 2008). Essa situação nos leva a refletir sobre a qualidade dos materiais e infraestruturas que hoje são ofertadas pelo estado, não só para as aulas de Educação Física, mas a escola como um todo, que cada vez mais é sucateada e abandonada, ficando os professores e alunos reféns dessa situação.

Contribuições para os agentes participantes

A partir das análises, os dados desta categoria foram alocados em cinco subcategorias que contemplam as contribuições da residência pedagógica para os agentes que participaram de toda a ação: a) participação no processo de elaboração e estruturação do planejamento; b) organização dos residentes; c) aproximação com o futuro campo de atuação; d) autonomia; e) identidade profissional.

Acerca da participação no processo de elaboração e estruturação do planejamento foi verificado que, segundo os entrevistados, os residentes foram oportunizados a participar da construção de um planejamento anual para a disciplina de Educação Física, por meio de um planejamento participativo, em que se envolveram os alunos da escola, os estudantes residentes, os professores preceptores e o professor coordenador do programa. Essa vivência traz uma diferença para com o estágio obrigatório da graduação, em que o estudante prepara apenas suas aulas, seguindo as normativas de um planejamento pré-estabelecido pela escola/professor da turma.

No modelo participativo, o residente consegue acompanhar o seu planejamento e perceber se está funcionando corretamente, pois participa da etapa diagnóstica, onde se busca inicialmente perceber as necessidades dos alunos para uma melhor elaboração do planejamento, até a etapa avaliativa, na qual evidencia-se se houve sucesso, conforme relato da Coord. “os estudantes fizeram desde o planejamento até a sua aplicação e quando chegar no final eles vão fazer a avaliação e perceber se funcionou”. É necessário ressaltar que esta pesquisa ocorreu anteriormente a etapa de autoavaliação pelos residentes.

Os participantes relataram que foram possibilitadas oficinas pedagógicas para que os residentes pudessem conhecer novas temáticas possíveis a se trabalhar na escola. Todas essas situações elevam o processo formativo do futuro professor, o qual tende a se tornar um profissional reflexivo, que se caracteriza como um professor capaz de adquirir novos conhecimentos a partir da discussão e análise de suas próprias ações (MAGALHÃES; LEAL, 2012).

Pelo tempo que lhe é proporcionado a viver dentro do ambiente escolar, os residentes conseguem utilizar os conhecimentos assimilados na teoria e fazer essa relação com a prática, levando-os para o seu futuro campo de trabalho. Em seus estudos, Zeichner (2010) aponta que há uma evidencia significativa da falta de articulação entre a teoria conhecida em salas de aula e a realidade no interior das escolas, apontando para a desconexão entre os estudos teóricos e as suas utilizações no contexto prático dentro das escolas, nos cursos de licenciatura. O RP demonstrou pelo relato dos preceptores ser uma ação pedagógica que contribuiu por meio da efetivação da práxis para uma possível solução do problema.

Outra contribuição do programa na formação inicial apontado pelos entrevistados foi requerer uma abundante organização dos estudantes durante suas atividades, o que vai lhe condicionando a uma responsabilidade constante, pois, como declarado pelos professores, os residentes acompanham as turmas durante todo o ano, e segundo a Prec. 1, “os residentes sabem que eles não podem chegar para dar aula sem um plano de aula, pois vai acabar não dando certo, então eles sempre se prontificam a preparar as aulas antes”.

Consoante a isso, Coord. afirma que “num processo em que eles tiveram autonomia para o planejar, há um comprometimento com a execução”, ou seja, os residentes precisam aprender a lidar com problemas, para que o resultado final seja o objetivado no início.

De acordo com o relato dos preceptores entrevistados, o RP proporciona uma grande aproximação com o futuro campo de atuação, o que, segundo eles, traz um conhecimento do universo da escola. Esse conhecer a escola se faz importante, principalmente para explorar que escola é essa, quem são os alunos e, diante disso, decidir como trabalhar e entender como acontecem as relações tanto professor/aluno, quanto a comunidade escolar como um todo.

Nessa aproximação com o campo de atuação, os estudantes poderão recorrer a uma diversidade de elementos acerca do espaço escolar e de seus agentes, o que facilita e enriquece o planejamento e desenvolvimento

das regências (SILVA JUNIOR, 2016). Na esteira dessa afirmação, entendemos que a aproximação que o programa possibilita aos residentes ao futuro campo de atuação, confere benefícios para os acadêmicos, os quais tem possibilidades de rever suas posturas como professor.

Foi identificado na declaração dos entrevistados a afirmação de que os residentes desenvolvem uma autonomia, que lhe faz conhecer e entender suas próprias habilidades, gerando uma autopercepção também de suas dificuldades e fragilidades. Como apontado pela Prec. 2 “nós damos liberdade para os residentes darem as aulas deles, até pra que eles já vão entendendo como funciona e ir se percebendo como professor da turma, mas qualquer probleminha a gente ajuda a resolver”; ou seja, os residentes são livres e autônomos no processo, e ao mesmo tempo sentem-se apoiados no suporte dado pelos professores preceptores.

A contribuição principal que foi apontada pelos entrevistados é o estabelecimento de uma identidade profissional por meio das experimentações vivenciadas durante todo o programa, como citou a Coord. “o grupo de residentes que está fazendo parte desse projeto, eles vão realmente sair com uma identidade profissional para atuação no campo da escola”. Essa identidade começa a ser construída desde o pensar e estruturar o planejamento até o findar de sua aplicação, o que reafirma os estudos de Pimenta (2017), Libâneo (2001) e Tardiff, (2002), que indicam que as experiências se tornam um processo contínuo de se identificar dentro da profissão para atuação na escola, o que também o ajudará a descobrir se a docência é realmente uma escolha acertada dentro dessa identificação.

Conclusão

Foi possível concluir que o processo de construção e aplicação do planejamento se mostrou eficaz e o Programa Residência Pedagógica – Educação Física da Universidade Estadual de Maringá trouxe consigo a efetivação da parceria entre Universidade e escola, beneficiando todos os agentes envolvidos no processo, contribuindo principalmente na melhoria da qualidade da formação inicial dos futuros professores de Educação Física.

Na escola, a área da Educação Física foi valorizada e enxergada com outros olhos pela comunidade escolar, podendo ser visto que a disciplina tem um planejamento sistematizado, possível de ser aplicado, acarretando em ótimos resultados.

Os estudantes e futuro professores foram oportunizados a vivenciar com afinco as experiências de estarem no cotidiano escolar, presenciando fielmente os acontecimentos, problemas, dificuldades e se obrigando a se moldarem como professores, definindo sua forma de ensinar emoldando sua identidade profissional. Os professores preceptores tiveram a oportunidade de fazer parte do processo formativo dos estudantes, acarretando em benefícios a sua prática docente, trazendo-o de volta a universidade e sendo oportunizados a atualizarem suas ações pedagógicas.

Um dos limites encontrados ao final da pesquisa foi de focar o estudo apenas nos professores preceptores, que enxergam esse processo com uma visão profissional, o estudo poderia contar com participação dos alunos, aqueles que recebem as aulas e o produto final de todo o planejamento. Outra possibilidade teria sido uma investigação com professores de Educação Física que não participaram da experiência vivenciada pelo programa.

Poderíamos também, ter realizado a pesquisa entrelaçando a perspectiva dos acadêmicos residentes, principalmente acerca das contribuições que o processo trouxe no processo de formação inicial.

Findamos entendendo com clareza que ainda temos muito a avançar, mas que os primeiros passos de uma ação participativa precisam ser dados para alavancar mudanças para a área da Educação Física escolar, seu planejamento, e a formação de futuros professores, e este estudo apresentou que os primeiros passos estão sendo dados.

Referências

ALARCÃO, I. Professores reflexivos em uma escola reflexiva. São Paulo: Cortez, 2004.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. 4. ed. Lisboa, Portugal: Edições 70 Lda, 2009.

BRASIL. Edital Capes 06/2018. Disponível em [https://www.capes.gov.br/images/stories/download/editais/01032018-Edital-6-2018.Acessoem 04 de julho de 2020](https://www.capes.gov.br/images/stories/download/editais/01032018-Edital-6-2018.Acessoem%2004%20de%20julho%20de%202020).

CERVO, A.L.; BERVIAN, P.A. Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários. 5. ed. São Paulo: Mcgraw-hill do Brasil, 2002.

CRUZ, G. B.; LÜDKE, M. Aproximando universidade e escola de educação básica pela pesquisa. Cadernos de Pesquisa, v. 125, p. 81-109, mai/ago. 2005. Disponível em: <http://www2.fe.usp.br/~gpef/teses/grupo_01.pdf>

DAMAZIO, M. S.; SILVA, M. F. P. O ensino da Educação Física e o espaço físico em questão. Pensar a Prática, v. 11, n. 2, p. 189 - 196, 15 ago. 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/3590>>

FONTOURA, H. A. Desafios da formação docente: o curso de pedagogia da Faculdade de Formação de Professores. Form. Docente, v. 11, n. 21, p. 57-70, 2019.

SILVA JÚNIOR, A. P. Configurações e relações estabelecidas no Estágio Curricular Supervisionado na formação inicial de professores de Educação Física. 2016. 232 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Departamento de Educação Física. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2016.

LIBÂNEO, J. C. Didática. São Paulo. Editora Cortez. 1994.

LIBÂNEO, J. C. O professor e a construção da sua identidade profissional. Organização e gestão da escola: teoria e prática. Goiânia: Alternativa, p. 62-71, 2001.

LIBÂNEO, J. C. Didática. 2ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MAGALHÃES, S. R.; LEAL, L. F. V. Formação docente e planejamento em sala de aula. Revista da Universidade Vale do Rio Verde, v. 10, n. 1, p. 369-383, 2012.

MARCON, D.; NASCIMENTO, J.V.; GRAÇA, A.B. S.Reinterpretação da estrutura teórico-conceitual do conhecimento pedagógico do conteúdo.Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, p. 323-39, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S180755092011000200013&script=sci_abstract&tlng=pt>

MENEGOLLA, M.; SANT'ANNA, I.M. Por que planejar? Como planejar? 10ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MINAYO, M. C. S. Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.

MOURA, D.L.; ANTUNES, M.M. Aprendizagem técnica, avaliação e educação física escolar. Pensar a Prática, p. 835-848, 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/24681>>

MONTEIRO, J. H. L.; QUEIROZ, L. C.; ANVERSA, A. L. B.; SOUZA, V. F. M. O Programa Residência Pedagógica: dialética entre a teoria e a prática. *Revista HOLOS*, v. 3, p. 1-11, 2020.

PALMA, A. P. T. V.; OLIVEIRA, A. A. B.; PALMA, J. A. V. Educação Física e a organização curricular: educação infantil, ensino fundamental, ensino médio. Londrina: Eduel, 2010.

PIMENTA, S. G. Os cursos de licenciatura em pedagogia: fragilidades na formação inicial do professor polivalente. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 43, n.1, p. 15-30, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1517-97022017000100015&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>

RODRIGUES, L. H.; GALVÃO, Z. Novas formas de organização dos conteúdos. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (org). *Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

TAKAHASHI, R. T.; FERNANDES, M. F. P. Plano de aula: conceitos e metodologia. *Acta Paul. Enf.*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 114-8, 2004.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VIANNA, I. O. A. *Planejamento Participativo na escola: um desafio ao educador*. São Paulo: EPU, 1986.

VIEIRA, V. A. As tipologias, variações e características da pesquisa de marketing. *Revista da FAE*, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 61-70, 2002.

ZEICHNER, K. Repensando as conexões entre a formação na universidade e as experiências de campo na formação de professores em faculdades e universidades. *Educação*, v. 35, n. 3, p. 479-504, 2010.

QUEIROZ, L. C.; SOLERA, B.; SOUZA, V. F. M.; Dos entraves à busca por novos caminhos no planejamento da educação física escolar: residência pedagógica como uma ação participativa *Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores*. Belo Horizonte. Vol. 13, nº. 26 (p. 171-186) 30 abr. 2021. ISSN:2176-4360. DOI <https://doi.org/10.31639/rbpf.v13i26.396>